

# Apresentação

As relações entre Arte e Literatura, de um lado, trouxeram questões abrangentes voltadas à teoria do barroco na modernidade; e de outro, as mais diferentes relações entre obras artísticas, em especial as artes plásticas, as artes industriais (fotografia, cinema, televisão) e as artes literárias brasileiras na contemporaneidade. Osman Lins, como muitos escritores que o precederam (Machado de Assis, Lima Barreto), alguns contemporâneos seus (Clarice Lispector, Guimarães Rosa) assim como os artistas plásticos que partem do movimento das vanguardas de sua época (Waltércio Caldas, Cildo Meireles, Tunga) foram mediadores nestas estéticas canônicas e contra-canônicas. Coloca-se em discussão a idéia de que o texto literário é mediador de outras artes assim como estas podem servir de mediação ao texto literário, a exemplo de escritores como Milton Hatoum ou Valêncio Xavier ou poetas como Murilo Mendes.

A partir de um olhar literário nutrido pela tradição popular, Osman Lins transita pela indústria cultural de consumo de massa, fazendo sua palavra circular por formas artísticas eruditas e populares que, ao se modernizarem, registram, a contrapelo dos progressismos técnicos, uma crônica da mão, instrumento do corpo, no seu ir e vir à máquina automática. Assim, a arte de escrever reconstrói pontes perdidas com as artes plásticas em geral, não só com a arte da pintura, mas com o cinema e a fotografia, a música, e um teatro onde até os personagens podem ser desenhados nas mãos.<sup>1</sup>

## O olhar de Osman Lins

Daí um olhar que, por um lado, resiste à tecnologia que ameaça a venda do objeto de desejo artístico, enquanto, por outro lado, abre-o esteticamente às inovações técnicas em seu infinito potencial para desdobrar-se.<sup>2</sup> De fato, é precisamente o sentido benjaminiano e heterodoxo que caracteriza esta dialética do olhar<sup>3</sup> de onde emerge a estética de Osman Lins, como uma dobra sensorial que fica exatamente na fina linha entre desterritorialização e reterritorialização<sup>4</sup> dos sentidos. Na interpenetração dos gestos antigos nos novos, e vice-versa, sejam eles captados pela câmera da televisão, teatrais ou adaptados ao teatro, ou mesmo urdidos pela mão do artista, as justaposições do passado retrabalhado em suas montagens transformam o presente artístico, tornando possíveis outros tipos de refuncionalização, emprestando potência e dinamismo às formas e meios artísticos reconhecidos, para que, deles, muitos outros possam ser derivados.

## Milton Hatoun: a obra de Osman Lins está de volta

Muito se escreveu sobre Osman Lins neste ano passado de homenagens aos seus oitenta anos de nascimento. De fato, o escritor foi homenageado pelo menos em três universidades brasileiras: a Universidade Federal de Pernambuco (julho, 2004), a Universidade Federal de Santa Catarina (setembro, 2004) e a Universidade de São Paulo (novembro, 2004). Além de dos dois novos livros de ensaios sobre sua obra, respectivamente organizados por Hugo de Almeida – *Sopro na Argila* (São Paulo: Editorial Nankin, 2004) e Ermelinda Ferreira – *Vitral ao Sol* (Recife: Editora Universitária da UFPE, 2004), o presente dossiê nesta *Outra Travessia* n.4 contém os anais do II Seminário Arte e Literatura: *Osman Lins Oitenta Anos* (UFSC) e se abre a outros textos sobre o escritor.

Ao rebater um crítico, cujo desconhecimento sobre as mais recentes críticas do romance *Avalovara* levou-o a descabidos comentários<sup>5</sup>, o escritor Milton Hatoun, coincidentemente, comenta sobre o romance em geral:

A rigor, o trabalho literário não deveria ser norteado nem pelo mercado nem pela indústria cultural. No entanto, publicar significa, de algum modo, sujeitar-se ao mercado. E um bom livro pode esperar vários anos, às vezes décadas para ser lido por um público maior. Exemplos não faltam: a obra de Osman Lins está de volta, e os que vão ler pela primeira vez as narrativas de *Nove, novena* e o romance *Avalovara* são bem-vindos, para não dizer bem-aventurados.

#### **A Outra Travessia , número 4**

A obra de Osman Lins está de volta. E ao contrário de ter envelhecido, sua fortuna crítica renova-se através de leituras críticas que vão mostrando, pouco a pouco, as múltiplas faces de sua obra. Além dos livros publicados em 2004, o livro republicado de Ermelinda Ferreira, *Cabeças Compostas: a personagem feminina na narrativa de Osman Lins*, lança-se ao público maior pela EDUSP, em 2005. Assim também, o número 4 da revista *Outra Travessia* vem justamente contribuir para o enriquecimento da crítica osmaniana com este Dossiê *Arte e Literatura: Osman Lins Oitenta Anos*, composto tanto de textos apresentados no Seminário da Universidade Federal de Santa Catarina em setembro de 2004, constituindo-se nos *Anais* deste seminário que foi possível com o apoio financeiro da FUNCITEC (Fundação de Ciência e Tecnologia do Estado de Santa Catarina), hoje FAPESC (Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina), e do Curso de Pós-Graduação em Literatura de Universidade Federal de Santa Catarina, assim como de textos que atenderam ao chamado da revista anterior, abrindo-se ela a inéditos. Entre os convidados para formar as mesas redondas do evento vieram professores de outras cidades brasileiras, como Julio Castañon Guimarães (Casa de Rui Barbosa), Sandra Nitrini (USP), Valentim Facioli (USP), Ermelinda Ferreira (UFPE) e de outras universidades de Santa Catarina, como André Carreira (UDESC) e Simone Curi (Unisul). Além disso, participaram os professores da Universidade Federal de Santa Catarina, como Raul Antelo, Wladimir Garcia, Susana Scramim, Ana Luiza Andrade, alguns alunos da pós-graduação e da graduação. O evento também contou com os lançamentos dos livros acima mencionados, com a transmissão do videotape da narrativa de *Os Gestos, "A Partida"*, de Osman Lins (com a atuação de Paulo Autran) dirigido por Sandra Ribeiro, e com a representação de "O Auto do Salão do Automóvel", por alunos da graduação em Letras da UFSC.

Dada a heterogeneidade dos textos no presente número, optou-se por combinar os textos dos *Anais* aos de colaboração induzida, tendo, de modo geral, os seus temas, por critério de organização, obedecido a agrupamentos tais como "arte e literatura" (Simone Curi, Marta Martins, Rita Lenira, Maria Salete Borba e Ana Luiza Andrade), "literatura e pedagogia" (até certo ponto Lauro de Oliveira, e definitivamente Wladimir Garcia e Ermelinda Ferreira), "literatura e teatro" (André Carreira) "Escritura e Leitura em *Rainha dos Cárceres da Grécia*" (Raul Antelo, Hugo de Almeida, Viviane Mury, Marcus Rogério Salgado, Kátia Cristina da Fonseca) ou "corpos escritos" (Margarida Gil dos Reis e Paulo S., e ainda Fernando Rocha) e finalmente uma síntese de 10 razões para se ler Osman Lins de Lourival Holanda. O presente texto de apresentação do número de *Outra Travessia*, evitando ultrapassar os seus propósitos, se abstém de comentar as excelentes leituras que traz de Osman Lins, e que por isso bem podem se tornar pontos referenciais de crítica osmaniana.

#### **Sobre a exposição em homenagem a Osman Lins: "Livros: da literatura ao livro-de artista"**

A exposição "Livros: da literatura aos livros-de-artista" durante o evento em homenagem a Osman Lins, na Universidade Federal de Santa Catarina em Florianópolis, expôs as capas dos livros de Osman Lins desenhadas por Kélio Rodrigues, da edição Melhoramentos, livros

artesanais da editora Noa Noa, de Cleber Teixeira, livros-de-artista de Waltércio Caldas, Raimundo Collares e Julio Plaza, da coleção Fabio Faisal, além de alguns livros-de-artistas jovens como Nena Borba e outros, e teve lugar na sala Lindolfo Bell, no Centro Integrado de Cultura de Florianópolis.

## A Cabeça de Osman Lins Levada em Triunfo

A montagem no cartaz anunciador da homenagem feita a Osman Lins, por ocasião de seus oitenta anos, procura armar uma leitura em que se colam os entendimentos e os conflitos entre a manufatura e a industrialização representativos das artes de ambos o escritor e o artista na construção de seu objeto. Daí as mãos de Waltércio Caldas, extraídas de uma das fotografias que compõem seu *Estudo sobre a Vontade*, serem deslocadas para moldar uma cabeça: a de um Osman Lins que sorri. Por um lado, o escritor concebe o *Avalovara* através de um princípio de montagem e desmontagem análogo ao de cabeças compostas<sup>6</sup>. Dentre outras cabeças que aparecem em sua obra, a de uma santa de barro, substituída pelo artista em *O Mistério das Figuras de barro*,<sup>7</sup> revela o mistério da figura da santa através de determinadas mãos do artista. Nesta peça, o dramaturgo representa o artista duas vezes: nas mãos do encenador e nas mãos do personagem (as personagens são desenhadas em luvas vestidas nas mãos), como se ele próprio se representasse. De modo que a cabeça, ao moldar-se pelas mãos do escritor, é também autobiograficamente esculpida.

Por outro lado, para escrever *A Cabeça Levada em Triunfo*, o romance que deixaria inacabado à feição mesmo de um corpo acéfalo, Osman Lins inspirara-se, dentre outros, tanto em *Margem das Lembranças* de Hermilo Borba Filho como em *Caçadores de Cabeças*, de Marcus Cláudio Acquaviva. No primeiro livro, a cabeça a prêmio do cangaceiro Manuel Izidoro aparece, nas palavras do autor, “os olhos abertos olhando para o alto, vidrados”, já evidentemente “mergulhada numa mistura de aguardente com sal, podia-se pensar que o corpo a continuava enfiando-se de chão a dentro”,<sup>8</sup> enquanto o segundo explica o “horroroso costume de mumificar cabeças humanas entre os mundurucus, índios “cortadores de cabeças”. Um fragmento deste livro pode ter levado ao título do romance de Osman Lins ao descrever o ritual, e o “triumfo” implícito na cabeça como “troféu”:

“No triunfo – disseram Spix e Martius – não poupa o mundurucu nenhum inimigo do sexo forte. Logo que ele o prostra no chão, com a flexa ou com o dardo, que nunca são envenenados, toma-o pelo cabelo e, com uma faca curta de bambu, talha-lhe os músculos do pescoço e as vértebras, com tal habilidade, que a cabeça é separada num instante. Segundo Cazal, por causa desse bárbaro costume os mundurucus pelos outros silvícolas são denominados de pai-quicés, isto é, decepadores de cabeças. A cabeça, assim conseguida, é então objeto do máximo cuidado por parte do vencedor. Assim que este se reúne aos companheiros, acendem fogueiras, e o crânio, depois de retirados os miolos, é chamuscado sobre uma estaca; dias seguidos é lavado com água, depois de molhado em azeite de urucu, e, finalmente posto ao sol, para secar. Depois de completo endurecimento, enchem-no então, com algodão de cor, colocam-lhe olhos feitos de resina, põem-lhe dentes, enfeitando-o, por fim, com um gorro de penas. Assim preparado, o hediondo troféu torna-se inseparável ornato do vencedor, que o leva consigo à caça e à guerra, pendurado por um fio e, quando dorme à noite, no rancho comum, ou está de dia ao sol, ou quando fuma, coloca-o perto de sua rede, como vigia.”<sup>9</sup>

No fim das contas, o escritor, como o artista que luta contra a marginalização social imposta por um mundo de consumo, parece personagem moldado por rituais em que se sobrepõem e se relativizam barbarismo a inocência. O ritual bárbaro dos mundurucus, por contraposição ao dito meio civilizado, ao compor o cartaz que homenageia o escritor, evoca o ritual de perda de inocência que o inicia em sua arte. A montagem de um pássaro, seja ele de palavras ou de papel, ou até um Bonagásaro inventado pelo menino futuro escritor do *Avalovara*, ensina-o a voar.

Levar em triunfo a cabeça de Osman Lins através das mãos do artista Waltércio Caldas não só significa evocar um meio bárbaro de consumo que não ficaria atrás do de decepadores

de cabeças, mas principalmente sair vitorioso neste meio. Por isso a foto de um Osman Lins excepcionalmente sorridente celebraria, sem dúvida, o seu triunfo artístico na luta contra este meio. Armada ficcionalmente esta leitura, a imagem montada às palavras textuais do autor revela sua própria arte de substituir cabeças, simbólica da destruição e da construção artísticas. Como vencedor em sua arte, Osman Lins se torna o próprio troféu de sua singular e magistral guerra sem testemunhas. Sua cabeça é, neste sentido, uma imagem representativa do poder do artista de erguer e decepar cabeças, de exclusão e inclusão no mundo, triunfos e fracassos do escritor.

## Agradecimentos

Nossos sinceros agradecimentos à Fundação de Ciência e Tecnologia de Apoio à Pesquisa do Estado de Santa Catarina (FUNCITEC), hoje Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica de Santa Catarina (FAPESC). Ao apoio da Coordenação do Curso de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Ao Sr. Lauro de Oliveira, amigo pessoal de Osman Lins, que colabora no presente número com um ensaio, pela sua divulgação de nosso evento e por ter enviado o filme de "A Partida", possibilitando a sua transmissão. Às filhas de Osman Lins, especialmente Ângela Lins, pelo seu apoio irrestrito. Ao Luciano Ruas e a Samara, que efetivaram a montagem do cartaz do evento. À Professora Susan Buck-Morss, por nos ter autorizado a tradução e a publicação de seu texto "Pensar Além do Terror".

## Notas

<sup>1</sup> LINS, Osman. "Mistério das Figuras de Barro". In *Santa, Automóvel e Soldado*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975, p.14.

<sup>2</sup> Coincidentemente a esta aparente contradição entre uma estética nostálgica e uma técnica vanguardista em Osman Lins, existe, em Benjamin, como bem observa Gagnebin em seu livro, "uma oposição, até mesmo uma contradição insuperável entre esses aspectos nostálgico e vanguardista, ou ainda teológico e revolucionário, estas tensões são freqüentemente descritas e explicadas como o fruto de contradições pessoais (Benjamin não teria sabido nem podido se decidir por um dos membros da alternativa); às vezes, também, elas são reduzidas à aparência superficial de que Benjamin tivesse sempre permanecido um pensador religioso ou, ao contrário, de que tivesse abandonado a teologia por um marxismo militante." In GAGNEBIN, Jeanne Marie, *História e Narração*, aSP: Perspectiva, 1999, p.8.

<sup>3</sup> Esta leitura de "dialética do olhar" vem da leitura benjaminiana de BUCK-MORSS, Susan, in *Dialética do Olhar Walter Benjamin e o Projeto das Passagens*, trad. Ana Luiza Andrade, UNOESC/Chapecó-EDUFMG/Belo Horizonte, 2000.

<sup>4</sup> Gilles Deleuze, *Mil Platôs*, vol. 1, SP: Editora 34, 1988.

<sup>5</sup> Sandra Nitri enviou mensagens de indignação por correio eletrônico aos estudiosos de Osman Lins com referência à carta ao leitor da Folha de São Paulo, escrita por Marcelo Coelho (16/04/05) que se perguntava se *Avalovara*, cuja 6ª edição acabava de sair pela Companhia das Letras não teria envelhecido, e se ainda seria legível ao leitor contemporâneo!

<sup>6</sup> Ferreira, Ermelinda, *Cabeças Compostas. A personagem feminina nas narrativas de Osman Lins*. Recife: Editora do Autor, 2000.

<sup>7</sup> Lins, Osman, "O Mistério das Figuras de Barro" in *Santa, automóvel e soldado*, São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975.

<sup>8</sup> Borba Filho, Hermilo, *Margem das Lembranças*, apresentação Marcio Souza, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993, p.164.

<sup>9</sup> Acquaviva, Marcus Claudio, *Caçadores de Cabeças*, São Paulo/Rio de Janeiro: Uma Edição Nosso Brasil, Cadernos Antigos II, 1976, p.51. O livro encontra-se entre os livros que Osman Lins lia para escrever *Cabeça Levada em Triunfo*, no arquivo organizado e separado por Julieta de Godoy Ladeira, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.